

A ECONOMIA DOS ORIFÍCIOS: A PERVERSÃO COMO SUSTENTAÇÃO E ANIQUILAMENTO

Monik Gisele Lira Monteiro; Angeli Raquel Raposo Lucena de Farias;
Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – mgl_psi@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – angeliraposo@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – hermanorg@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe analisar a película *Historia de O*, adaptação da obra literária homônima, escrita pela francesa Anne Descolos, cujo pseudônimo é Pauline Reáge. O filme foi lançado no ano de 1975, com direção de Just Jaeckin e Sébastien Japrisot. Na narrativa, assistimos à fotógrafa, mulher independente e jovem, chamada de O., adentrar no mundo sexual das praticas sadomasoquistas. Por amor, ela conhece esse mundo sob a condução de seu amante René. Dias enclausurada num imenso castelo em Paris, a bela moça é chicoteada, amarrada, penetrada por diversos homens, submetendo-se a uma rotina imposta pelas criadas e seus donos, estes antigos praticantes da arte sexual sadomasoquista. O. conhece o prazer perverso em ser sodomizada, dominada e controlada. A bela, consentindo tudo que lhe acontece, entrega-se a essa prática, como também encontrará seu verdadeiro amor, Sir Stephen, seu dono, este a quem René havia prometido entregar a moça. Percorrendo as tramas da sexualidade humana, adentramos no sexual perverso, no intento de compreender os deslocamentos subjetivos da protagonista, correlacionando-os com as práticas sexuais que edifica. Como arcabouço teórico, optamos pelas teorizações de Sigmund Freud, como também de psicanalistas pós-freudianos, a exemplo de Joyce McDougall e Paulo Roberto Ceccarelli.

Palavras-chaves: Psicanálise – Perversão Sexual – Sadismo – Masoquismo

Introdução

A sexualidade humana é marcada, em sua travessia histórica, por concepções conceituais, que emanam da cultura e da sociedade que a hospeda. São posições que traduzem o que um grupo acredita como normalidade e aceitação da sexualidade e/ou anormalidade e não aceitação da prática sexual.

Nesse sentido, a perversão adentrou no caminho da sexualidade humana desde tempos mais remotos. Foi especialmente a psicanálise, criada pelo médico vienense Sigmund Freud, que removeu da perversão sexual o rótulo de doença ou patologia, como a medicina positivista a enxergava, e tratou-a como algo da ordem humana. A sexualidade, para Freud já está inserida e será manifestada no ser humano desde sua infância, denominando a sexualidade como perversa polimorfa. Libidinalmente, a criança ao sugar o seio, chupar o dedo, morder, e acariciar os órgãos genitais, ela experimenta um prazer, gozando sempre que entra em contato com seu corpo. Tal exploração e satisfação serão reeditadas na vida adulta, para obtenção de prazer sexual, doravante por

meio, primordialmente, do coito sexual, do contato dos órgãos genitais.

Nesse sentido, propomos estudar a obra fílmica *A Historia d'O*, lançada no ano de 1975, que conta a história de uma jovem fotógrafa chamada *O.*. Essa mulher adentra no mundo sadomasoquista e, nele, ingressa brutalmente, entregando-se aos seus instintos mais primitivos. A personagem *O.* é levada por seu amante René a um castelo, em território francês, onde se lança às práticas sexuais sadomasoquistas, até então nunca praticadas por ela. René relata para a jovem que aventurar-se nessa *experiência amorosa* constitui um ato de amor, uma prova do quanto ela o ama. Seguindo a mesma lógica, a ação de dividi-la com outros homens é uma expressão de seu grande amor e devoção por ela.

Porém, o que chama nossa atenção ao falar de perversão sexual e a jovem *O.*, é o fato de que tudo que é feito com a protagonista é consentido pela mesma. Percebemos que suas paixões amorosas, primeiro com René, depois com Sr. Stephen, estão vinculadas às suas práticas sexuais sadomasoquistas. Sr. Stephen e a fotógrafa *O.* apaixonam-se e o grande ato de amor concedido ao Sr. Stephen é ser marcada, à brasa, com as iniciais do senhor, seu dono e proprietário. Tal evento é idealizado como declaração de amor da jovem, que cede à dor e ao gozo. *O.* ganha, agora, em seu corpo, outras marcas, a do amor eterno.

Nessa conjuntura, sobre a pensemos sobre o véu perverso que recai sobre a protagonista, perversão essa que fala de um prazer que transita por seu corpo e seu psiquismo, ganhando ares de exploração/plasticidade da sexualidade feminina. *O.* é uma mulher que se coloca como ativa e desejante. Corpo e psiquismo atuando numa relação de prática sexual, na qual é a mulher que dita seu limite, seu prazer, seu orgasmo, passa a ser autônoma, diretora e produtora de sua história.

Discussão

A sexualidade é tema conhecido da sociedade, desde períodos longevos. Como manifestação humana que possibilita a procriação da espécie, a sexualidade vai além disso. Na história das civilizações a sexualidade foi tratada e narrada de diversas formas, havendo em determinadas sociedades a liberação das práticas de pedofilia e pederastia, homossexualidade aceita como prática natural, por exemplo. Também a sexualidade é tema deveras estudado pela filosofia, teologia, medicina, sociologia, antropologia entre outros. Diante das diversas reformas e mudanças sociais, a sexualidade chega ao século V num contexto de repressão e proibição.

Imergido nesse discurso de proibição, a sociedade adentrou ao século XVIII para reavaliar a sexualidade. Os atos não procriativos, que nunca foram deixados de ser praticados, passam a ser reavaliados agora como aval da medicina e do direito civil e criminal. Práticas sexuais encontradas no século XVIII e XIX, como masturbação, pedofilia, zoofilia, fetichismo, sadismo e masoquismo, relação incestuosa, homossexualidade, entre outras, serão estudadas pela medicina, que denominará atos sexuais não procriativos e que podem ultrapassar o limite moral da sociedade, como também ultrapassar o desejo de participação de um outro indivíduo na relação, ficou chamada de perversão.

A perversão, do latim *pervertere*, significa “por de lado”, “pôr-se à parte”, adquiriu marco histórico científico com a publicação dos estudos do médico psiquiatra alemão Krafft-Ebing (1840 – 1902), quando lançou o *Psicopathia Sexualis* (1886), projeto que reúne uma coleção de histórias sexuais e de delitos sexuais. Assim, no século XIX, o termo perversão passa a integrar o campo da medicina, como problema biológico, e, em seguida, passa a ser entendido como degeneração, loucura moral. E, no campo da sexualidade, a perversão sexual foi entendida como anomalias ou aberrações (FERRAZ, 2010).

Entretanto, o pai da psicanálise, o médico vienense Sigmund Freud (1856 - 1939) foi quem delimitou um contexto psíquico ao perverso. Na publicação de seu trabalho no ano de 1905, denominado *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud versa sobre as três estruturas psíquicas do indivíduo: neurose, psicose, perversão. Assim, a perversão é adotada pela psicanálise que manteve a ideia de um desvio sexual em relação à norma, porém, absteve-se de qualquer julgamento ou conotação pejorativa, estando intitulada conjuntamente as estruturas da psicose e da neurose (ROUDINESCO & PLON, 1997).

Ao lançar em sua teoria psicanalítica o conceito de pulsão sexual (excluindo instinto sexual), recalque, objeto e objetivo da sexualidade, complexo de Édipo e desejo, Freud coloca a sexualidade como manifestação da sexualidade, num contexto psíquico, onde as fantasias, um dia incestuosas destinadas à figura paterna ou materna, que não puderam ser realizadas, pois foram recalçadas, irão ganhar espaço na vida adulta.

Importante citar que o recalque da fantasia primária ocorre quando o infante, entendendo o interdito da lei, recalca seu desejo, quando, aquele que diante da lei resolve que o desejo não será recalçado mas, sim, renegado, tornando-se ele próprio a lei vigente que determina seus atos, atitudes e manifestações diante de sua sexualidade. Seriam esses, os que renegam a lei do incesto, aqueles que serão nomeados por Freud como perversos.

Para além disso, a formação da perversão sexual, quando o sujeito renegando o imperativo da lei, fixa-se, diante de seu polimorfismo, no estágio pré-genital da sua sexualidade, enquanto que o sujeito neurótico conseguira ultrapassar a pré-genitalidade, atingindo, a partir da adolescência, e levando para sua vida adulta, a genitalidade.

A perversão decorreria, justamente, da impossibilidade de a corrente genital da sexualidade impor-se perante as demais, em função de uma fixação, ocorrida na infância, que elevaria uma corrente pré-genital à condição de eixo organizador da vida sexual, isto é, de toda a gama de fantasias e atos sexuais de um indivíduo. As fantasias de tipo pré-genital, que vêm, na prática, a ser as fantasias perversas, coexistem tanto no neurótico como no perverso. Elas desempenham, aliás, um papel central na formação do sintoma neurótico, sendo um dos lados do conflito entre os apelos pulsionais e a censura. Se sobrevém o recalçamento, então o cenário da neurose está desenhado. Mas, salienta Freud, nem sempre é assim. O perverso, não se sujeitando às forças que no neurótico prevalecem, põe em prática as fantasias pré-genitais; não as utiliza apenas como acessório para sua excitação, mas faz delas o centro mesmo de sua vida sexual. Assim, o perverso seria tudo aquilo que o neurótico almeja ser mas não encontra permissão para tal. A perversão seria, em uma palavra, a manutenção da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta. O que diferencia a sexualidade infantil daquela do perverso é o fato de que, na criança, tudo ainda é apenas potencialidade. Nenhum eixo organizador, tirânico, dominou a cena sexual. No adulto perverso, ao contrário, a sexualidade está definida e cristalizada: um eixo pré-genital preside a vida sexual, tão despoticamente quanto a genitalidade o faz na vida sexual “normal”. (FERRAZ, 2010, p. 33)

Nesse sentido, a prática sadomasoquista seria uma forma de manifestação de uma sexualidade perversa, haja vista que a excitação e gozo sexual não estão sendo exercidos pelos órgãos genitais, mas pela flagelação do corpo à submissão da dor e de infligir dor ao outro. A Associação Americana de Psiquiatria (APA) conceitua o masoquismo como a “condição na qual o indivíduo obtém prazer da experiência de dor e humilhação infligida por outros ou, em alguns casos, por ele próprio” (APA, 2010, p.577). Continua dizendo ainda que “o termo também é aplicado a experiências que não envolvem obviamente sexo” (APA, 2010, p.577).

A psicanálise freudiana explica o masoquismo pelo conceito relativo à pulsão sexual, sendo essas a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de Morte (Tânatos). A partir da pulsão de Tânatos é possível, de acordo com Freud, em seu texto *O Problema econômico do masoquismo*, de 1924, a pensar o masoquismo não como uma condição patológica, mas, sim, como uma estrutura de base do ego, em termos de economia, seria um problema para o aparelho psíquico.

Conforme Melo et al (2004) de acordo com seu escrito de 1924, supracitado, Freud

introduz a noção de masoquismo primário, erógeno, como

um resto mortífero da pulsão, que não é dirigido pelo sadismo ao objeto, sendo um remanescente da fase anterior à fusão das pulsões. É um sofrimento que promove satisfação. Inicialmente, contudo, a noção de masoquismo em Freud fica circunscrita à sua relação com o sadismo, na pulsão parcial que ele chama de sadomasoquista. Parte do sadismo dirigido ao objeto retorna em direção ao próprio eu do indivíduo. O fim deste movimento pulsional - diminuição de tensão e, portanto, prazer - é atingido, mas há aí, também, tanto uma mudança de objeto como uma mudança da atividade para a passividade, duas das vicissitudes da pulsão. (MELO ET AL, 2004, p. 03)

No filme *História d'O*, a personagem principal é marcada, psiquicamente e em seu corpo, por colocar-se enquanto posição masoquista para o prazer de quem “maltrata”, como, especialmente, para prazer dela. A personagem demonstra sofrer diante das chicotadas e açoites, como também, diante da imparcialidade existente na relação afetiva, de vínculo amoroso - no melhor estilo perverso de amar – com Sr. Stephen, quando, após ser dada a ele por seu, agora, ex-amante, René, a moça é posta como escrava do Sr. Stephen, vivendo com ele momentos sádicos e masoquistas nas relações sexuais. Para além das relações, *O.*, diante de seu amor e devoção a Sr. Stephen, decide controlar sua amiga Anne-Marie para ser mais um objeto de Sr. Stephen. Manipulando e jogando a angelical moça para os açoites sexuais satisfatórios, *O.* trama todo jogo, para enfim, comprovar a Sr. Stephen sua fidelidade a suas vontades, mesmo que sedente de ciúmes dessa relação.

Como primeira grande prova de devoção, e porque não amor a seu belo Sr. Stephen, a moça tatua com brasa as iniciais de seu dono amado, afirmando a este, a ela e às demais moças presentes, que o gozo do sofrimento é condição colocada por seu dono, mas que satisfatoriamente também é gozado pela encantadora *O.*

Nesse sentido, a psicanalista neozelandesa Joyce McDougall versa que, o cenário sexual em que os parceiros assumem a posição que goza e se satisfaz, sendo de forma consensual, essa realização de desejo não adquire *status* de como perversão, mas como solução neossexual.

Ao analisarmos a obra, percebemos uma montagem perversa de *O.* e de seus parceiros e voyeurs. A satisfação sadomasoquista, como coloca Freud, é alicerçada numa pulsão de morte que estrutura o ego do sujeito desejante. Porém, é importante trazer a posição da neossexualidade de McDougall, haja vista que o desejo em ser chicoteada, penetrada, usada como objeto de prazer, é, para *O.*, uma forma de exercer e controlar seu prazer. *O.* é uma mulher independente, assume para si a

capacidade de gozar com seu corpo. Mesmo manipulada inicialmente, *O.*, longe de ser tão inocente, aceita a imposição, pois afirma para ela que estar ali é, surpreendentemente, gozo dilacerante. Uma forma de uma mulher, ainda massacrada socialmente, poder exercer sobre si seus limites, normas, condutas e aceitação, sendo isso tudo o campo da sexualidade.

Conclusão

Diante do exposto, é possível colocar *O.* como perversa sexual, ao ponto em que seu gozo vai além do genital, e, para além do sexual, ela goza em manipular seus homens e a jovem Anne-Marie.

Nessa configuração, o que marca *O.* é sua disponibilidade em escolher e aceitar o que lhe dar prazer. A montagem perversa masoquista sexual em sofrer e gozar com o sofrer, o gozo de manipular sua amiga e vê outras moças “sofrendo” com as chicotadas mas, acima de tudo, o poder de escolher em se colocar nessa situação marca um lugar do feminino, do corpo feminino e da sexualidade feminina que *O.* quebra as correntes e amarras sociais e, livremente, decide aceitar a forma que goza e que gosta. *O.* decide ser livre para vivenciar e desvencilhar sua sexualidade.

Referências

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). *Dicionário de psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Perversão e suas versões. In Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXVII, 52, 43-50, 2005. Disponível em http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=181 Acesso em 07 Jun 2017.

MELLO, Carlos Antônio Andrade et al. Perversão - pulsão, objeto e gozo. Reverso [online]. 2004, vol.26, n.51, pp. 51-56. ISSN 0102-7395. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100006 Acesso em 08 Jun 2017

FERRAZ, Flávio Carvalho Perversão. 5. rev. e ampl. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. -- (Coleção clínica psicanalítica)

FREUD, S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, S. (1924). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIV.